

FH ataca o protecionismo europeu

Presidente reclama das barreiras impostas a produtos brasileiros e exige reciprocidade

Sérgio Marques

Ricardo Miranda

Enviado especial • LONDRES

O presidente Fernando Henrique Cardoso, que chegou na noite de sábado a Londres disposto a atacar o protecionismo contra os produtos brasileiros, não precisou de 24 horas na capital inglesa para disparar suas críticas. afirmou que o Brasil não vai aceitar que blocos regionais, como a União Européia, se transformem em fortalezas que dificultam o comércio e ainda criticou a abertura econômica sem freios e o corte drástico de subsídios feitos no Governo Collor. No momento em que o país enfrenta déficit na balança comercial, Fernando Henrique fez questão de, pela primeira vez, criticar a abertura do país para os produtos estrangeiros feita no Governo Collor. Segundo Fernando Henrique, que citou nominalmente o ex-presidente, o Brasil não vai repetir seus erros. Collor, segundo ele, suspendeu subsídios, como ao carvão de Santa Catarina, provocando um colapso na região, e abriu as importações sem se preocupar com setores estratégicos da economia nacional. O presidente disse que não vai ceder a pressões — notadamente do Governo dos Estados Unidos — para abrir ainda mais seu mercado em áreas estratégicas, como informática, mas anunciou a política externa do “toma-cá-dá-lá”, em que o Brasil exigirá reciprocidade para baixar tarifas. O discurso coincide com o do ministro da Indústria e Comércio, Francisco Dornelles, contra setores da área econômica.

— A posição do Brasil não é de ficar fechado. É de abrir. Mas a discussão concreta é em que condições. Em economia comercial, sempre há o toma-cá-dá-lá — disse Fernando Henrique, ao comentar a resistência do Brasil a aderir a um acordo de tecnologia da informação proposto pelo Governo americano, que obrigaria o Brasil a zerar até o ano 2000 tarifas de importação nessa área.

FH discursa hoje para 300 empresários

O presidente quer uma política de compensações: está disposto a abrir mais algumas áreas desde que encontre portas abertas para os produtos brasileiros. Fernando Henrique, que hoje vai discursar para cerca de 300 empresários, industriais e banqueiros dos maiores grupos empresariais e financeiros da Grã-Bretanha, reunidos na seleta platéia do Banqueting Hall, em Whitehall — onde o rei Carlos I foi decapitado, em 1649 — vai aproveitar o seminário Link Into Latin America (Ligação com a América Latina) para voltar a bater forte no protecionismo. O grande calo no sapato do comércio externo brasileiro — deficitário em US\$ 5,5 bilhões em 1996 — é, no caso da União Européia, o setor agrícola, supertaxado por países como a França.

— Essa é uma luta antiga nossa e de muitos países que são exportadores. Vamos ter que continuar insistindo — disse o presidente.

E acrescentou:

— A visão que o Brasil tem desta matéria é clara e consistente: somos favoráveis aos blocos regionais, como o Mercosul e a União Européia, com a condição de que sejam abertos, não sejam fortalezas para dificultar o comércio. Para nós, o Mercosul não é uma fortaleza, mas um caminho para a integração.

Fernando Henrique criticou a abertura comercial do Governo Collor em dois momentos. Na noite de sábado, ao comentar o Acordo de Livre Comércio das Américas, que prevê a integração comercial desses países até o ano 2005, disse que não repetiria erros do passado. Ontem de manhã, o presidente foi mais direto ao explicar os erros:

— Como foi feita a abertura no Governo do presidente Collor, sem discutir nada, ponto a ponto, sobre o que ia acontecer — disse.

O presidente também mandou um recado ao Congresso: não existe motivo para que as reformas da Previdência, administrativa e fiscal não sejam votadas e aprovadas ainda este semestre.

— Eu, por mim, já teria terminado (as reformas). Não podemos perder mais tempo. É mãos à obra.

Presidente se encontra com Fujimori

Sobre reeleição, foi cauteloso e lembrou que a emenda aprovada na Câmara ainda passará por outro turno na Casa e por dois turnos no Senado.

— As uvas ainda estão verdes — disse.

Na Embaixada do Brasil em Londres, Fernando Henrique recebeu, de manhã, a chanceler da Colômbia, Maria Emma Mejía, para discutir a importação de carvão para o Nordeste. À noite, ele recebeu o presidente do Peru, Alberto Fujimori, que chegou cercado por forte aparato de segurança. Fujimori teve sua presença confirmada na última hora. Há dois meses guerrilheiros do Tupac Amaru mantêm reféns na embaixada do Japão em Lima.

Fernando Henrique vai vender, segundo o chanceler Luiz Felipe Lampreia, um “Brasil novo”: com democracia plena, mercado aberto, inflação baixa e um programa de privatizações em curso. O primeiro-ministro, John Major, fará a abertura do encontro. Depois, num discurso de cerca de 20 minutos, Fernando Henrique, conferencista de honra do evento, dirá que a estabilidade alcançada pela economia brasileira é irreversível e que o país é um porto seguro para novos investidores.

Segundo, o ministro-consultor John Penney, cônsul-geral britânico no Brasil, o país terá um fórum privilegiado para falar à comunidade européia. Fernando Henrique Cardoso terá uma conversa reservada com John Major, na residência oficial do primeiro-ministro. Esta é a primeira conferência a discutir a América Latina desde 1972, antes da crise do petróleo.



FERNANDO HENRIQUE passeia à beira do Rio Tâmisia: “Somos favoráveis aos blocos regionais, como o Mercosul e a União Européia, desde que sejam abertos, não fortalezas”